

## PRÁTICAS DISCURSIVAS DE LIBERDADE AGONÍSTICA: A EXPERIÊNCIA-LIMITE DO SUJEITO COM HIV NO CANAL *HISTÓRIAS DE TER.A.PIA*

Patrícia Nunes de Paula de Jaime\*

Ismara Tasso\*\*

Jefferson Gustavo dos Santos Campos\*\*\*

**Resumo:** Na contemporaneidade, o Youtube se torna suporte material para a produção de enunciados, como os do canal *Histórias de ter.a.pia*. O resultado dessa construção apresenta-se na forma de relatos de si, o qual culminou no objetivo deste artigo: o de esquadrihar como o sujeito portador do vírus HIV relata sua experiência-limite em práticas discursivas no *ter.a.pia*. Diante disso, propõe-se a seguinte problematização: como o corpo do sujeito portador do vírus HIV manifesta suas relações de saber-poder imbricadas no relato de si como prática de liberdade agonística? O percurso investigativo apontou que a produção dos enunciados não se restringe à pauta social, ele diz respeito a um sujeito portador do vírus HIV que cuida de si e dos outros ao relatar a si mesmo a partir de uma experiência-limite.

**Palavras-chave:** Estudos Discursivos Foucaultianos; Youtube; relato de si; agonismo.

## DISCURSIVE PRACTICES OF AGONISTIC FREEDOM: THE LIMIT-EXPERIENCE OF THE SUBJECT WITH HIV IN THE CHANNEL *HISTÓRIAS DE TER.A.PIA*

**Abstract:** In contemporary times, YouTube becomes a material support for the production of enunciations, such as those from the channel *Histórias de ter.a.pia*. The result of this construction appears in the form of self-narratives, which culminated in the objective of this article: to analyze how the subject living with HIV narrates their limit-experience in discursive practices on *ter.a.pia*. In this context, the following research question is proposed: how does the body of the subject living with HIV manifest their relationships of knowledge-power intertwined in the self-narrative as a practice of agonistic freedom? The investigative process revealed that the production of these enunciations is not confined to the social agenda; rather, it concerns an HIV-positive subject who cares for self and others by recounting their own experience from a limit-experience perspective.

**Keywords:** Foucauldian Discursive Studies; Youtube; self-narrative; Agonism.

## Introdução

Quem pode falar do HIV? Como se constitui o sujeito que convive com o vírus HIV e relata sua experiência-limite no canal *Histórias de ter.a.pia*, no Youtube? Esses questionamentos iniciais direcionam o percurso do qual partimos com o objetivo de esquadrihar como o sujeito que convive com o HIV relata sua experiência-limite em práticas discursivas no canal *Histórias de ter.a.pia*, objetivo desta análise.

O canal do Youtube *Histórias de ter.a.pia* foi criado em 2018, por Alexandre Simone e Lucas Galdino. O escopo do *ter.a.pia* apresenta-se no formato de minidocumentários biográficos de sujeitos que enunciam suas histórias enquanto lavam a louça. Daí o nome *Histórias de ter.a.pia*, pois o cenário em que ocorrem as gravações é a cozinha do sujeito. Isso justifica a forma com que a grafia de terapia é colocada: “*ter.a.pia*”, ou seja, a pia com louça para lavar e relatar uma história. Em uma perspectiva discursiva, os enunciados verbo-visuais ali presentes apresentam uma estrutura breve, por meio da qual se busca relatar uma experiência interior do sujeito. Dessa forma, os relatos se tornam produções videográficas sob a direção dos diretores do canal.

Sob essas condições, o *ter.a.pia* atua como uma prática discursiva contemporânea que consiste em contar histórias narradas por sujeitos que passaram por algum tipo de mudança em suas vidas ou vivem uma luta individual. Esse processo de subjetivação que condiciona os sujeitos a olharem para si e a confessarem a própria verdade no *Histórias de ter.a.pia* é o que Milanez (2021, p. 18) explica, a partir de Bataille (1993) e Blanchot (2007), sobre o funcionamento da experiência-limite, qual seja: “o lugar no qual o sujeito ultrapassa a sua própria subjetividade, [e] a transgride, se desmorona nela”. Trata-se, pois, da experiência do eu, em um exercício de poder sobre si de um sujeito que assume uma posição de fala da sua experiência-limite e que expurga suas dores através de suas condições de existência, colocando-as em jogo em enunciados que abordam temas como preconceito, inclusão social, questões psicológicas e da diversidade.

Nesse percurso, selecionamos o enunciado: “Viver com HIV não me impediu de ter uma família”, que circulou no canal *Histórias de ter.a.pia* em 15 de abril de 2021. Para tanto, nosso estudo está ancorado nos Estudos Discursivos Foucaultianos e propõe a seguinte problematização: como o corpo do sujeito que vive com o HIV

manifesta suas relações de saber-poder imbricadas no relato de si como prática de liberdade agonística? Nossa hipótese de trabalho é a de que o sujeito que convive com o HIV, ao relatar a si mesmo, exerce um poder sobre si, rompendo com as limitações ora impostas, em um movimento de contraconduta, em que a especificidade do sujeito se manifesta diferente de um saber médico, em uma prática discursiva que busca compreender a posição na qual está inserido e, a partir disso, exerce um saber-poder para um cuidado de si e dos outros. De forma específica, o sujeito portador do vírus HIV relata a si mesmo no canal *Histórias de ter.a.pia* como prática de liberdade agonística.

Dessa maneira, para melhor compreensão, buscamos dividir nossa proposta de trabalho fazendo uma breve definição do corpo e da disciplina a partir da obra *Vigiar e Punir* (Foucault, 1987), além dos conceitos de experiência-limite (Blanchot, 2007), Liberdade Agonística (Dotto, 2018), bem como a própria proposta arqueogenealógica de Foucault (2020) e da constituição de saberes-poderes, com base na *Microfísica do Poder* (Foucault, 2021). Em seguida, apresentamos nossa prática analítica do enunciado “Viver com HIV não me impediu de ter uma família”, do canal *Histórias de ter.a.pia*, sendo este um recorte da dissertação defendida em 2024, pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá e, que faz parte do resultado das pesquisas do Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM – GEDUEM/CNPq,) cujo título é “Confissão, cuidado de si e experiência-limite em práticas discursivas de liberdade agonística: um diagnóstico do presente”. Por último, nossas considerações finais apresentam uma discussão sobre o relatar a si mesmo como exercício de um saber-poder na prática discursiva sobre o HIV.

É importante ainda destacar que o enunciado selecionado “Viver com HIV não me impediu de ter uma família” faz parte de uma série enunciativa sobre práticas de relatar a si mesmo no canal *Histórias de ter.a.pia* e, que desvela que tal prática roga por uma organização discursiva em que, para relatar a si mesmo no canal, o sujeito precisa atender a um regime de visibilidades ora determinados pelo canal e que percorrem caminhos que tratam sobre a diversidade. Assim, o canal se torna uma materialidade digital que permite aos sujeitos portadores do HIV relatarem a si mesmos, e que este relato passa por uma organização discursiva que: Controla,

seleciona e organiza quais são os discursos que podem ser veiculados (Foucault, 2020).

## 1 O Sujeito do *ter.a.pia*: Corpo, experiência-limite em discurso

Tatear a construção dos enunciados que ora compõem o canal do *Youtube Histórias de ter.a.pia* é buscar entender as relações exercidas pelo sujeito. Não se trata de compreender o sujeito em sua esfera social, mas sim de elucidar, na trama discursiva, que posição é assumida por ele no discurso. Nesses termos, busca-se que posição sujeito é produzida no interior dos enunciados do canal *Histórias de ter.a.pia*, entendendo quais são os elementos que constituem essa posição sujeito. Dito de outro modo, trata-se de compreender o que é visível no sujeito que relata ser portador do HIV no canal *Histórias de Ter.a.pia*: a formação de seus saberes que versam sobre uma condição de ser portador do HIV e, a de relatar como essa experiência-limite o obriga a buscar novas maneiras de governar a si mesmo. Dada essa característica, é importante conceituar que em termos arqueogenealógicos o sujeito é:

distinto em tudo – natureza, status, função, identidade do autor da formulação. [...] é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos. [...] É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes (Foucault, 2020, p. 113-115).

Desse modo, há uma posição de sujeito, no canal *Histórias de ter.a.pia*, que não pode ser ocupada por qualquer um. Há uma regularidade no interior desses enunciados que passa a formular os discursos do canal, ou seja: “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito” (Foucault, 2020, p. 116). Dessa forma, é preciso determinar qual é a posição que deve ocupar o sujeito do canal para adentrar um processo de autoria no enunciado. Isso significa dizer que os sujeitos do canal assumem um espaço de fala e apresentam, em sua estrutura, uma regularidade discursiva de cunho social, psicológico, econômico e de diversidade. Tais características tornam-se requisitos e possibilidades para que um mesmo indivíduo possa ocupar uma posição sujeito dentro do canal *Histórias de*

*ter.a.pia*, em que a partir da análise da prática discursiva do próprio canal, temos, pois, um sujeito que assume uma posição de fala da sua experiência-limite e que expurga suas dores. Nesse sentido, os sujeitos do canal são

sujeitos da diversidade que se encontram, pela própria condição de existência, em entre lugares; estes que comumente são demarcados por uma geografia econômica, política e cultural, não de todo consensuais. Razão de esses lugares se constituírem em espaços multifacetados do diverso, do que pertence ou não, do que se reconhece ou não, do que se identifica ou não; por isso, lugares nos quais os jogos de força se estabelecem em meio a uma rede discursiva complexa (Tasso, 2013, p. 111).

A diversidade presente na posição ocupada por esse sujeito é assim demarcada por suas condições de existência, que envolvem o social, o biológico, o psicológico e o político. De forma a elucidar o que aqui apresentamos, trouxemos a descrição ora proposta pelos autores do *Histórias de ter.a.pia*, quanto à proposta do canal e sua descrição (Figura 1).

**Figura 1:** Enunciado 02: sobre o *ter.a.pia*



**Fonte:** *Histórias de ter.a.pia* (2023).

Se tomarmos como ponto de direcionamento a própria descrição que ora trouxemos no enunciado 02 sobre o *ter.a.pia*, temos que “é o maior canal brasileiro de contação de histórias onde pessoas contam suas experiências lavando a louça [...] a linha editorial do *ter.a.pia* está fundamentada em três pilares principais: inspiração, emoção e pautas sociais”. Nota-se, então, que a condição para que os sujeitos da diversidade participem do canal *Histórias de ter.a.pia* segue uma regularidade que

279



implica ter passado por uma experiência-limite: “uma experiência do ilimitado, do intransponível, do impossível” (Revel, 2005, p. 47), ou seja, é um processo no qual o sujeito passa pela dessubjetivação, uma mudança que desfaz a subjetivação ora enraizada nele (Milanez, 2021). A mudança transpõe o sujeito e o leva para outro lugar, no qual ele é obrigado a olhar para si, e desse movimento resulta a transformação de algo, dado o processo em que o sujeito se encontra. Vale destacar que o exercício do saber-poder está regulado a partir dessa reorganização como sujeito que passa a produzir um novo olhar sobre o seu próprio corpo, em função do diagnóstico do HIV. Nessa instância, a experiência-limite consiste em colocar o sujeito em uma prática que o obriga a desabrochar, despertando-o para um processo de tomada de decisões e escolha de novos caminhos que vão nortear sua conduta. É o que podemos destacar no relato que transcrevemos a seguir:

É... bom, eu descobri o HIV em 2014, né? Eu namorei com uma pessoa... eu conheci uma pessoa numa festa em 2014... é... saía muito. Acho que eu tinha 30 anos, 31... 30 anos na época, a gente namorou por pouco mais de ano e meio, e aí ele foi ficando doente, teve primeiro uma pneumonia, depois teve uma segunda pneumonia, e aí, como ele era fumante, eu achei que era normal. Na segunda pneumonia que ele teve, ele foi piorando, piorando. Depois ele teve que ser entubado, e aí... eu acho que teve um certo momento em que a família viu que ele não ia mais acordar mesmo, né, eles me falaram... A mãe dele me chamou e falou: “olha, Thaís, o hospital tá sempre cheio, sempre lotado, a gente nunca pôde conversar, sempre estão os seus amigos aqui e tudo mais, mas na realidade o que ele tem é Aids”.

E aí, nossa... meu mundo caiu, né? Porque muitas pessoas perguntam assim: “nossa, como que foi a sua reação quando você descobriu, quando você pegou o exame?”. Só que pra mim não foi quando eu peguei o exame que eu descobri, eu descobri quando a mãe dele me contou, porque quando a mãe dele me contou, eu tinha certeza que eu tinha, né? Porque a gente transava sem preservativo, eu achava... ele era meu namorado, né? Nunca me passou pela cabeça pedir exames para ele.

Eu tinha uma visão muito estigmatizada do HIV e da Aids. Então achava que era algo super distante de mim. Super bobagem, né? Eu fui num posto de saúde, em que você faz o teste, você fura o dedinho e sai o teste... sai o resultado bem rápido, assim, eu fiz esse teste de 15 minutinhos. E aí, obviamente, quando eu peguei meu resultado, deu positivo, né?

No meu caso, eu descobri com uma pessoa no estágio terminal da Aids, né? Então, quando eu peguei o exame, eu tinha uma sensação de “gente, eu vou morrer assim também, né?” E aí tava muito pesado pra mim ir no hospital, era uma pessoa que eu gostava, que tava comigo, que eu vivi um ano, que estava ali no leito de morte de uma

doença super pesada. E aí eu não aguentava mais ir no hospital. E aí eu falei para os meus amigos: “gente, eu quero ir pra praia, espairar um pouco, eu não vou mais no hospital. Eu vou lá me despedir”.

E aí eu passei pela cama dele, assim... ele já tava bem mal, assim... passei pelo pé dele, ele tava desacordado já, entubado, com a máquina fazendo quase todo trabalho da respiração. Eu falei: “olha”, no ouvido dele, “eu te desculpo, peguei meu exame...”. Não é nem te desculpo, né? Porque não foi culpa dele, né, só... eu também nunca me cuidei, mas, assim... “eu te perdoo, a gente não vai conversar nessa vida sobre isso. Então, faz sua passagem, vai em paz e em outro momento a gente conversa, né? Nesse plano a gente não vai se falar mais”. E aí, quando eu saí do hospital, ele morreu.

E aí muitas pessoas têm esse negócio, né? Ai... a aids, a aids, a aids, e aí... acho que muita gente não sabe nem que eu não tenho a aids, né? A aids foi meu ex-namorado, ele morreu da aids, que já é o estágio terminal. Uma coisa é você ter o vírus do HIV, e outra coisa é você ter a aids propriamente dita. Então, eu posso viver a vida inteira com o vírus do HIV e nunca ter a aids, né.

Eu comecei a me apegar mais ao meu médico, tinha uma psicóloga, pra eu digerir. Como eu sabia que eu ia talvez sofrer algum tipo de preconceito, eu pensei nesse sentido, eu falei: “primeiro eu preciso estar bem”. É inevitável, a gente sempre fica muito preocupado com o que as pessoas pensam, né? Se você conversar com pessoas que têm HIV, que ficam mais no anonimato, muito do medo das pessoas não é de morrer da doença, não é da doença evoluir pra aids, porque as pessoas sabem que se você cuidar direitinho é difícil acontecer isso. É mais muito o outro, né? Como que eu vou me relacionar e o outro vai entender isso? Como que eu conto na minha família? Como que eu conto no meu trabalho? É sempre a preocupação é com o outro.

E aí no marketing da Sony eu conheci... é... eu trabalhava lá e eu conheci o Rodrigo que trabalhava lá na Sony, a gente era amigo na época. A gente começou a sair na mesma turma e aí eu fiquei com o Rodrigo uma vez, e eu tinha um pensamento assim que era: “acho que ele não merece estar comigo”, ou “ele merece estar com uma menina saudável, uma menina melhor do que eu”, ou “eu não quero envolver ele nessa minha história e tudo mais. Tinha umas preocupações assim... que era uma super bobagem, porque, se você pensar, ele que tem que decidir isso, não eu.

E aí eu tomo um comprimido por dia que me deixa indetectável. Eu tenho tão pouco vírus circulando no corpo, que, nessa condição, eu não consigo nem passar pra ninguém nem a doença evolui no meu corpo. Mesmo eu não infectando ele nessa condição, obviamente, todas as nossas relações eu protegia ele porque qualquer coisa além disso era uma decisão dele, com o médico dele, e não minha, né?

Só que aí, numa viagem, a camisinha estourou, eu não tinha contado pra ele ainda, eu estava me preparando pra contar. Eu fiquei muito nervosa, porque, justamente, eu não estava preparada pra aquele momento. Ele falou: “calma, Thais! Eu não tenho nada”. Eu falei: “mas eu tenho”. Eu contei toda aquela história inteira, chorei pra caramba,

aquela coisa, a gente pelado na cama... E aí ele falou assim: “Thais, eu não vou embora”. Que tipo de homem eu seria se eu não tivesse com você quando você mais precisasse de mim, eu vou ficar!”.

Eu contei todos meus medos. “Desculpa eu não ter te contado antes. Não é porque eu queria te sacanear, mas eu te amo, eu tinha medo de te perder. Eu achei que você jamais ia aceitar minha condição. Então, me perdoa! A única coisa que eu pude fazer por você foi cuidar de você até eu ter coragem de contar e você tomar essa decisão de ficar comigo ou não. Eu acho que eu fiquei postergando isso porque eu queria viver mais um dia isso que a gente tava vivendo, que eu tava gostando muito. Então, você me perdoa. Foi muito difícil pra mim, o cara acabou de morrer”. Aí eu falei tudo numa boa, de peito aberto. Então acho que também por isso que ele teve essa reação. O correto deveria ser duas pessoas que se gostam fiquem juntas. As pessoas serem preocupadas pelo que você é e não pelo que você tem. Mas a gente sabe que, no fundo, na realidade, não é bem assim. Mas a gente entende também que não é... ele não faz um favor pra mim.

Algumas amigas minhas falam assim: “ai, nossa... se ele te trair, te der um perdido... tudo bem, né, ele aceitou ficar com você”. Eu falei: “não, gente! Não tem nada a ver! Ele não está fazendo um favor. A gente tá junto porque a gente se gosta, não tem essa “ah, vou aceitar um pouco mais de coisas assim, não tem nada a ver”.

E, com uma série de cuidados, a gente viu que a gente podia, também... eu podia ser mãe, pelos meios normais mesmo, né, eu engravidei transando mesmo, não foi nada de especial. Não precisou fazer inseminação nem lavagem de esperma, né, como algumas pessoas pensam. E aí eu tive meu primeiro bebê, que é o João, hoje ele tem três anos. Logo em seguida, eu tive a Olívia, ela tem dois anos hoje. E os dois bebês negativos do vírus. O Rodrigo negativo do vírus, os dois bebês negativos do vírus, e eu positiva. Aí eu falei: “eu preciso contar essa história, porque muita gente não sabe”. Por exemplo, tem médicos que falam: “não, olha, se você quiser engravidar... você tem 40 mil reais para fazer inseminação”? “Ah, não tenho”. “Ah, então você não pode engravidar. Desiste desse sonho, você não tem que ser mãe. Você tem HIV, você não tem que ser mãe”.

Então, assim... é um absurdo um médico passar uma informação dessa. Às vezes, eu falo algumas coisas e as pessoas falam assim: “ah, você banaliza o HIV, então vamos ter aids, todo mundo”. Eu falo: “não, gente! Não é isso que eu falo”. Eu quero dizer que é possível viver, e viver numa boa. Se você acha que você não quer ficar comigo porque você acha que vai me beijar e você vai pegar... Meu, você acha isso! Não é assim!

“Ah, eu não quero ficar com você porque... eu não quero te contratar, apesar de ser uma super profissional, porque eu não quero na minha empresa isso”. Você que acha isso! Tá errado! Eu sei que não é assim, né? Então, eu sei, o Rodrigo sabe, que é meu marido, as crianças sabem, minha família sabe, meus amigos sabem, então, não me importa muito mais, assim... todo o ódio...

Lá nos anos 80, fizeram uma propaganda, né, da peste gay, a doença dos meninos gays... e não desfizeram ao longo dos anos. Então, muita



gente ficou com essa visão na cabeça da promiscuidade, que é uma grande bobagem, né? Não tem a ver... quando a gente falava de grupo de risco, não existe grupo de risco. Existe comportamento de risco, e comportamento de risco se resume a quem faz sexo, entendeu? Se você transa, eu sendo mulher, sendo jovem, sendo mais velho.

E as pessoas têm essa visão, né? Se o menino hétero, por exemplo, pega, você fala: “ah, coitado! Que barra, né, você foi se infectar”. Mas a mulher é: “também, né, você foi transar com todo mundo”. Tem essa visão ainda que é muito pesada. E que poderia ser... e daí se eu tivesse transado com todo mundo? No meu caso foi, ele foi meu único parceiro, durante um ano, mas também tem isso, né? Que é o estigma, você não quer que ninguém saiba... “ai, se não vão pensar que eu tive muitos parceiros”. E se eu tive muitos parceiros?

Já tenho 38 anos, sou mulher, dizem que são mais os meninos. Sou heterossexual, sou casada, não sou solteira. Tenho dois filhos. Agora, se está aqui perto de mim, e infelizmente ainda aumenta, tá perto de muita gente, né? Eu vejo como algo muito normal e por isso que eu tento falar para as pessoas entenderem que, mesmo com as adversidades aí, a gente pode viver super bem!

- Oi! Esse é o João e a Olívia. Dá tchau! E um beijo? (Viver com HIV..., 2021, 0min1s–9min10s).

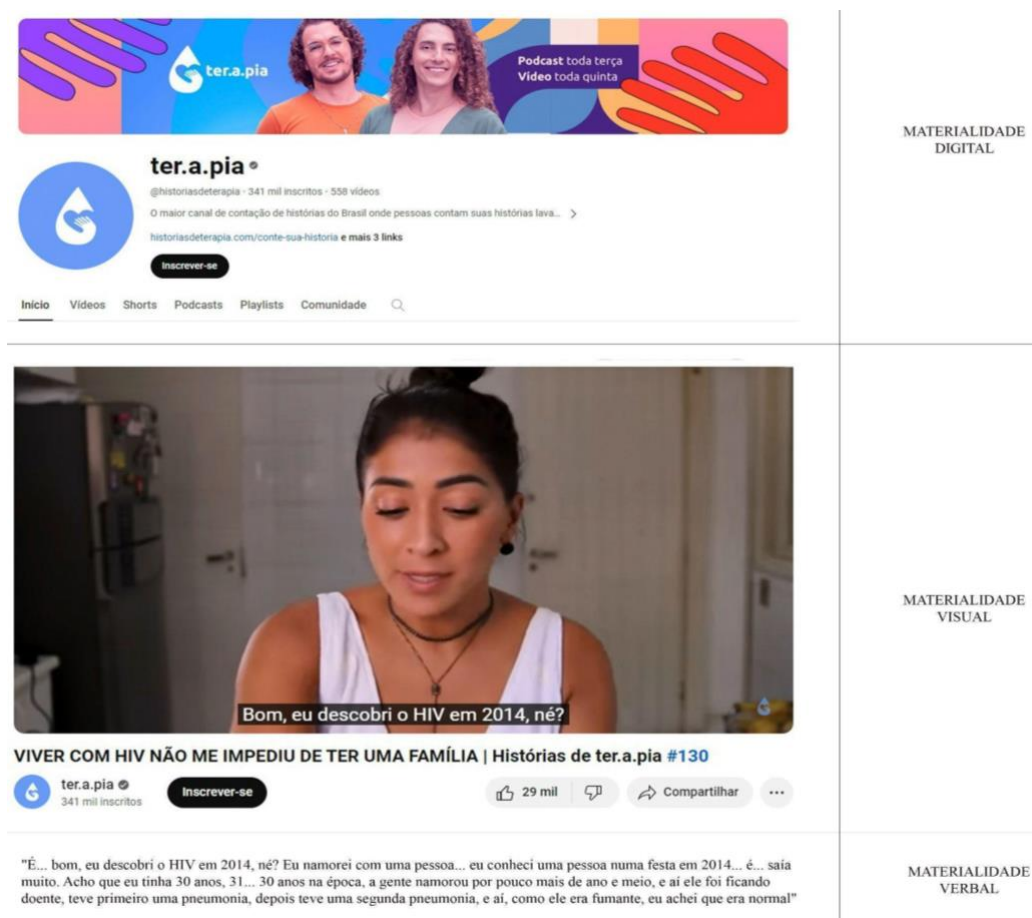
Ler esses objetos no espaço virtual significa considerar que o diagnóstico do presente reclama uma emergência de suporte material. Assim, a análise torna-se pertinente, pois o canal *Histórias de ter.a.pia* pertence a esse meio digital. Esse modo de olhar os enunciados se torna substancial, pois, em termos foucaultianos, trata-se de compreender a nossa atualidade situando-a em um momento histórico, no qual o digital está presente e faz parte da constituição do sujeito.

Desse modo, o estudo da materialidade digital, como é o caso do nosso objeto de pesquisa, é justificável, visto que, “apesar do espaço se apresentar sob uma forma relativamente abstrata, possui implicações concretas, sendo ele próprio estruturador de fenômenos sociais, na medida em que materializa relações de poder” (Fialho, 2020, p. 29). Nesses termos, o ato de relatar a si mesmo como prática discursiva de liberdade agonística se torna um fenômeno atual e importante para os Estudos Discursivos Foucaultianos, em que o conceito de liberdade agonística exerce-se como “incitação recíproca, provocação permanente, jogo de poder, sem trégua” (Dotto, 2018, p. 152).

Essa liberdade constante e a maneira como o sujeito do canal *Histórias de ter.a.pia* assume o poder sobre si ao relatar o limite máximo de sua dor e da sua angústia, que é a experiência-limite, transformam não apenas o modo de ser, mas

também o corpo desse sujeito, como é o caso do nosso *corpus* de análise: um sujeito com HIV. Assim, é substancial o olhar atento e crítico quanto à materialidade digital em questão, pois, além de dar voz a um regime de enunciados, permite descrever que há no canal materialidades que se complementam para então formar os enunciados: materialidade discursiva que aponta para a emergência dos enunciados dispostos no canal; materialidade visual e a materialidade verbal (relatos de si), ora verbalizados no canal (Figura 2).

**Figura 2:** Regime de materialidades



**Fonte:** Adaptado de Viver com HIV... (2021).

A espessura material que constitui os enunciados do canal *Histórias de ter.a.pia* evidencia a materialidade digital que configura a identidade dos enunciados: “O enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar, uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade” (Foucault, 2020, p. 123). Desse modo, se há uma mudança na materialidade proposta, muda-se também a

identidade do enunciado. A consequência desse deslocamento gera um olhar discursivo no qual “a ordem da discursividade do digital é, justamente, a consideração de que todos os discursos estão circunscritos às coerções criadas a fim de controlá-los e de controlar aqueles que falam e se constituem no interior deles” (Tasso; Campos, 2015, p. 150).

Disso, é possível depreender que o canal *Histórias de ter.a.pia* institui, pelo digital, uma maneira de dizer sobre si na contemporaneidade. Além disso, lança modos de conduta do corpo docilizando-o, uma vez que ele “pode ser submetido, [...] pode ser utilizado, [...] pode ser transformado e aperfeiçoado” Foucault (1987, p. 118). Ou, melhor dizendo, o relatar a si mesmo no canal *Histórias de ter.a.pia* passa pela disciplina do relato de si, em que esta:

Aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (Foucault, 1987, p. 127).

O corpo que relata a si mesmo no canal é dócil, em termos econômicos, já que existe um processo de rentabilidade financeira pelo número de visualizações significativas dos enunciados verbo-visuais que se apresentam no canal. E, ao mesmo tempo, esse corpo passa por um processo de insubordinação por ser uma pessoa que convive com o HIV e gerar um filho. Isso permite considerar que essa instância determina uma relação de saber-poder na qual o sujeito, ao tomar uma posição de fala, exerce uma relação de si para consigo em um processo de agonística do eu: “liberdade e poder convergem em uma relação complexa; uma tensão aguda e conflito constante, isto é, agonismo” (Dotto, 2018, p. 161). Ou seja, não se trata de uma oposição entre poder e liberdade, mas de uma busca permanente do sujeito que está inserido e atravessado por um processo de transformação e domínio de si.

Essa mudança do sujeito que relata a si mesmo no canal *Histórias de ter.a.pia*, em que há um movimento em prol de governar a si mesmo, nos faz percorrer as trilhas da normalização dos enunciados do canal. Por esse motivo, é preciso compreender, ancorados em Foucault (2010), a noção de Biopolítica, pois é a partir desse exercício de poder que operam os dispositivos. Nesses termos, cabe explicar que a Biopolítica não representa um poder sobre o corpo, isto é, poder individual (Biopoder), mas sim

285

um trabalho que se exerce na população. Dito de outro modo, a natureza da Biopolítica está condicionada à população, trata-se de um poder não disciplinar, isto é, um poder regulamentador que está diretamente ligado ao controle da vida da população e que não atua de forma individual, mas sim coletiva (Foucault, 2010). Isso não significa que existe uma separação entre poder disciplinar e regulamentador, mas há um jogo entre o Biopoder e a Biopolítica que passa a circular através da norma: “A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (Foucault, 2010, p. 213).

Essa relação entre governo e população dada por uma nova tecnologia de poder, a Biopolítica, é assim definida: “uma tecnologia que visa, portanto, não o treinamento individual, mas pelo equilíbrio global, algo como uma homeostase: a segurança do conjunto em relação aos perigos internos” (Foucault, 2010, p. 209). Em síntese, é um exercício do poder sobre a vida.

Dito isso, compreendemos que é nesse conjunto de práticas de poder que se criam normas de maneira a regular a vida, e, ainda, onde operam os dispositivos que moldam as práticas sociais e as subjetividades dos sujeitos com objetivo de responder “a uma urgência” (Foucault, 2021, p. 365). Sob tal estatuto, a heterogeneidade dos enunciados do canal *Histórias de ter.a.pia*, a partir de uma proposta foucaultiana, ativa modos de funcionamento do poder: ao falar sobre si, o sujeito se insere em um conjunto de relações de poder, que são próprias do dispositivo que o discurso do canal *Histórias de ter.a.pia* faz funcionar, e exercem um domínio do seu corpo na forma de um embate agonístico.

## 2 Quem pode falar sobre o HIV?

**Figura 3:** “Viver com HIV não me impediu de ter uma família”, episódio 130 do *Histórias de ter.a.pia*



**Fonte:** Viver com HIV... (2021).

É mais muito o outro, né? Como que eu vou me relacionar e o outro vai entender isso? Como que eu conto na minha família? Como que eu conto no meu trabalho? É sempre a preocupação é com o outro.

Lá nos anos 80, fizeram uma propaganda, né, da peste gay, a doença dos meninos gays... e não desfizeram ao longo dos anos (Viver com HIV..., 2021).

Iniciamos essa seção colocando em evidência uma citação que trata do enunciado "Viver com HIV não me impediu de ter uma família". Ao problematizar a condição de emergência e de existência de um relato de si identificado pelo rosto sorridente de uma mulher em primeiro plano que afirma a condição própria de portadora do HIV permeia nossa análise, buscamos percorrer caminhos dessa prática discursiva que operam em uma instância na qual o sujeito, ao relatar a si mesmo, em um movimento de dobra, constitui-se como sujeito ético. Esse movimento ocorre em uma prática de liberdade agonística, cujos regimes de verdade estão ancorados na "experiência-limite [que] é a resposta que encontra o homem quando decidiu se pôr radicalmente em questão" (Blanchot, 2007, p. 185).

Esse modo de instigar a pesquisa e a escolha dos trechos que ora trouxemos para o início desta subseção não são aleatórios, pois estamos diante de uma materialidade digital em que se articulam saberes e poderes no presente, demonstrando maneiras de relatar a si mesmo e estabelecendo condutas que exercem um governo de si e dos outros. Portanto, tatear esses caminhos é compreender que estamos diante de um sujeito que se constitui nesse campo em que o relato de si mesmo no digital tem sido uma prática regular, uma maneira de se constituir. De forma específica, podemos considerar que esse comportamento do sujeito – de falar sobre si e de sua condição como pessoa que convive com o HIV – provavelmente não seria uma prática tão comum nos anos 80. Isso se torna substancial quando o sujeito relata que: "Lá nos anos 80, fizeram uma propaganda, né, da peste gay, a doença dos meninos gays... e não desfizeram ao longo dos anos" (Viver com HIV..., 2021). Depreende-se disso que, nos anos 80, um relato de si, em que o sujeito assume que convive com o HIV, talvez não seria algo que pudesse sair do privado para o público. Conforme o relato do *ter.a.pia*, havia, nesse período, um preconceito em relação à doença que, de certa maneira, perdura até os dias atuais.



Quando observamos a regularidade de relatos no canal *Histórias de ter.a.pia*, verificamos que existe uma ordem discursiva que busca inserir neste espaço sujeitos que convive com o HIV, conforme a Figura 4, que mostra outros enunciados publicados no canal.

**Figura 4:** Enunciados do *Histórias de ter.a.pia* sobre pessoas com HIV



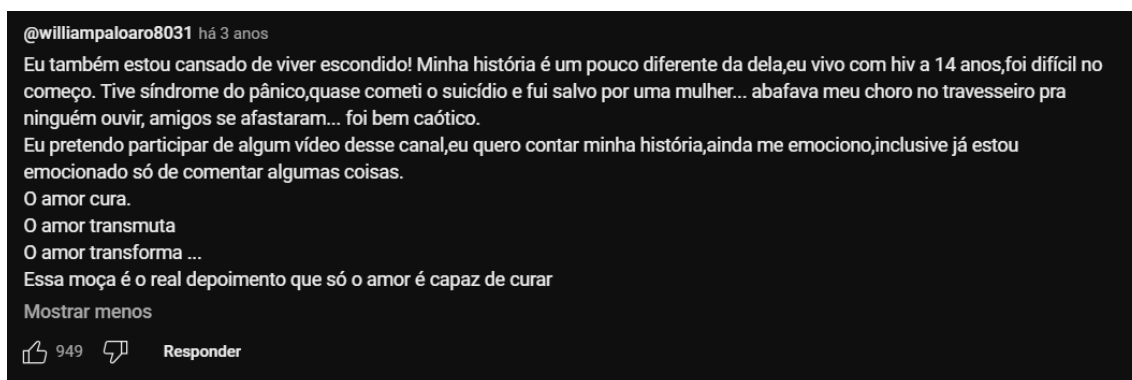
**Fonte:** Adaptado de Histórias de Terapia (2023).

Os enunciados que colocam em jogo a agonística dos sujeitos que convivem com o HIV buscam compreender que o modo como são dispostos evidenciam que “o que está em questão é o que rege os enunciados e a forma como eles se regem entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente” (Machado, 2021, p. 39). Isso significa dizer que, nessa esfera discursiva, conviver com o HIV e falar sobre essa condição no canal é uma maneira de compreender como o sujeito passa a se constituir em um campo associado, que antes pertencia apenas ao saber da medicina. No entanto, esse campo associado, agora, passa a ser ocupado por sujeitos que, devido às suas condições de vida, colocam-no em uma experiência-limite, ou seja, no limite da dor, e são obrigados a buscar conhecimento da sua própria

condição para um exercício de poder, ou seja, buscar um saber para um exercício do poder, ou, melhor dizendo: “não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (Machado, 2021, p. 28). Esse caminho arqueogenealógico em que se constitui o sujeito do canal *Histórias de ter.a.pia* nos leva a percorrer as trilhas de saber e de poder como instrumento de produção dos relatos no canal.

Dito de outra maneira, para falar sobre si no canal, o sujeito precisa estar inserido em um campo de saber, para exercer e constituir novas relações de poder. Nesse sentido, o canal *Histórias de ter.a.pia* não é apenas um espaço digital em que sujeitos relatam sobre si após uma experiência-limite, mas também um dispositivo de transmissão de saber. Isso significa que os relatos intervêm no modo como os sujeitos são constituídos, pois precisam buscar o saber que o atravessa para um exercício de um poder. De forma concomitante, os seguidores do canal passam a se constituir a partir desses relatos, pois os comentários feitos nos enunciados pelos sujeitos seguidores exprimem também uma forma de relato e identificação com a história narrada, conforme a Figura 5.

**Figura 5:** Comentário no vídeo “Viver com HIV não me impediu de ter uma família”



**Fonte:** WilliampaloarO8031 (2021).

O comentário feito por um seguidor do canal em resposta ao enunciado “viver com HIV não me impediu de ter uma família” exemplifica um processo que ocorre de forma regular no canal: a identificação com o relato. O sujeito do enunciado diz: “Se você conversar com pessoas que têm HIV, que ficam mais no anonimato, muito do medo das pessoas não é de morrer da doença, não é da doença evoluir pra aids, porque as pessoas sabem que se você cuidar direitinho é difícil acontecer isso” (Viver

com HIV..., 2021). O sujeito seguidor identifica-se com o relato e, em resposta a ele, relata: “Eu também estou cansado de viver escondido! Minha história é um pouco diferente da dela”; “Eu pretendo participar de algum vídeo desse canal, eu quero contar minha história”. O uso do advérbio “também”, após a primeira pessoa singular “eu”, reforça o processo de identificação nos comentários. Isso é algo recorrente quando se trata de um ambiente digital, como o canal *Histórias de ter.a.pia*, porque as relações discursivas no ambiente digital tornaram-se importantes para os sujeitos, pela sua condição normalizadora dos processos de subjetivação na história do presente. Essa estrutura de relações de poder e saber no digital é defendida por Martino (2015, p. 75):

A análise combinatória das relações nas redes sociais auxilia a compreender o volume e a velocidade da troca de dados e conteúdos, facilitando a percepção das possibilidades efetivas de se chegar a compreender o que, de fato, significa uma relação social *online*, sua capacidade quase incalculável de multiplicação de conteúdos e saberes e, por que não, de poderes.

O trabalho de Campos (2021) contribui para a reflexão desse movimento digital no sentido de considerar produções discursivas que exercem uma velocidade de informações dada a materialidade digital. Esse movimento traz significações nas quais o virtual opera como estratégia de otimização do cotidiano, colaborando para o engendramento de saberes e poderes, no qual, segundo o estudioso, ocorre o fenômeno da hipervisibilidade, o qual “situa uma condição geral das relações sociais no espaço virtual: a incitação à liberdade de “tudo ver” na impossibilidade mesma desse ato. Em termos discursivos, é nutrir-se da produção do excesso (de ver e de dizer) na falta que lhe(s) é inerente” (Campos, 2021, p. 79). Assim, os enunciados verbo-visuais do canal *Histórias de ter.a.pia* constituem, no espaço digital, uma nova forma de confissão, já que se trata de um movimento no qual o relatar a si mesmo evoca uma mudança significativa nos modos de confissão da contemporaneidade, o que implica dizer que ocorrem também “encontros” entre quem relata a si mesmo e quem se identifica com o relato, no caso, os seguidores do canal que curtem, seguem e relatam através de comentários. Acolher essa proposta de (re)significação traz luz

ao diagnóstico do presente nesse ambiente digital, no qual: “A principal mudança da sociedade das redes é, inequivocamente, o palco onde decorrem as relações sociais e se estruturam os laços. A comunidade, no seu sentido clássico, foi substituída pela rede” (Fialho, 2020, p. 32).

Essa rede manifesta produz, então, a nova ordem discursiva digital (Campos, 2021), utilizando como instância material o canal *Histórias de ter.a.pia*, que, além de ser um espaço para o relato de si, é um objeto de conhecimento. Ora, no enunciado “Viver com HIV não me impediu de ter uma família”, existe uma manifestação do conhecimento do sujeito que vence uma experiência-limite e, em um processo agonístico, relata sobre si no canal. Ocorre que esse movimento do sujeito funciona como um processo de constituição do saber a partir das condições particulares de existência. Nesse sentido, “Não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (Foucault, 2021, p. 28).

Essa relação de saber e poder, em que o sujeito exerce um poder sobre si, nos leva a considerar que as condições de emergência e existência produzidas no canal, ao tratar do enunciado que manifesta o saber-poder de um sujeito que convive com o HIV, fazem parte de uma vontade de verdade que ora está apoiada na experiência-limite do sujeito que relata:

E, com uma série de cuidados, a gente viu que a gente podia, também... eu podia ser mãe, pelos meios normais mesmo, né, eu engravidei transando mesmo, não foi nada de especial. Não precisou fazer inseminação nem lavagem de esperma, né, como algumas pessoas pensam. E aí eu tive meu primeiro bebê, que é o João, hoje ele tem três anos. Logo em seguida, eu tive a Olívia, ela tem dois anos hoje. E os dois bebês negativos do vírus. O Rodrigo negativo do vírus, os dois bebês negativos do vírus, e eu positiva. Aí eu falei: “eu preciso contar essa história, porque muita gente não sabe”. Por exemplo, tem médicos que falam: “não, olha, se você quiser engravidar... você tem 40 mil reais para fazer inseminação”? “Ah, não tenho”. “Ah, então você não pode engravidar. Desiste desse sonho, você não tem que ser mãe. Você tem HIV, você não tem que ser mãe”. “Então, assim... é um absurdo um médico passar uma informação dessa” (Viver com HIV..., 2021).

A experiência-limite que produz esse relato mostra-se como “um íntimo interstício por onde tudo o que é deixa-se repentinamente transbordar e depor por um acréscimo que escapa e excede” (Blanchot, 2007, p. 190). A experiência-limite deste

enunciado se dá a partir de um diagnóstico inesperado do HIV. Já a agonística torna-se uma forma de seguir a vida, se libertar e passar a conduzir-se de forma que pudesse, então, exercer um ativismo em relação ao preconceito. Trata-se da resistência em desistir da vida.

O sujeito, ao relatar sua experiência-limite na produção da liberdade agonística, coloca-se como autor de uma verdade a partir de um exercício de um poder sobre si. É a experiência-limite como forma de expressar a vontade de verdade, ou seja, a experiência-limite como manifestação da verdade “libera de seu sentido o conjunto das possibilidades humanas e todo saber, toda fala, todo silêncio e todo fim e até esse poder morrer de que tiramos nossas últimas verdades” (Blanchot, 2007, p. 191). Reconhecer, nos enunciados do canal *Histórias de ter.a.pia*, a manifestação da verdade a partir de uma experiência-limite é também compreender que “Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (Foucault, 2021, p. 52).

Essa manifestação do sujeito ao relatar a si mesmo como uma prática de verdade, a partir da experiência-limite, é explicada por Campos (2021a, p. 77) como uma “Engrenagem que dispõe o si mesmo na ordem da enunciação, para demarcá-lo como responsável pelo dizer, localiza o modo de veridicção do sujeito [...] na especificidade de seu saber [...] e no atravessamento da subjetividade que corporifica, no interior do discurso”. Assim, o relatar a si mesmo, pela experiência-limite, constitui-se em uma prática de dizer a verdade sobre si, que escapa do movimento parresíastico, justamente por se tratar de uma experiência-limite do sujeito que narra. O ato de relatar a si mesmo exerce um agonismo do sujeito, a partir do qual ele busca maneiras de resistir. Dessa forma nos enunciados do *ter.a.pia*, surgem novas formas de subjetivação.

Além disso, ao considerar o jogo enunciativo de emergência e de existência deste relato de si no canal *Histórias de ter.a.pia*, que faz parte de um conjunto de outros enunciados, mas que corresponde à regularidade discursiva observada em outras análises enunciativas, este enunciado que trata sobre o HIV apresenta (re)significações quanto à luta do sujeito no exercício de uma conduta outra, na qual o sujeito é “dirigido de sua vontade e desejo para alcançar a liberdade, sendo que este movimento se expressaria pela insubordinação do não” (Dotto, 2018, p. 92). Trata-se, conforme defendemos, de um movimento de liberdade agonística.



O enunciado que é tratado nesta prática analítica exprime exatamente essa insubordinação, pois no relato o sujeito expõe um saber de um sujeito médico: “Desiste desse sonho, você não tem que ser mãe. Você tem HIV, você não tem que ser mãe”. Então, assim... é um absurdo um médico passar uma informação dessa” (Viver com HIV..., 2021). O relato nesse trecho leva à discussão de caminhos da insubordinação, contra a qual o sujeito luta para mudar sua história, exercer um poder sobre si, ser detentor de um saber, e, em um processo de olhar para si e de dizer a verdade sobre si, encontra no canal uma forma de expurgar suas dores, seus saberes e poderes.

De maneira mais profunda, o estudo desse relato sobre o HIV direciona para o que Foucault (2023, p. 259) aponta como movimento de contraconduta: “São movimentos que também procuram, eventualmente em todo caso, escapar da conduta dos outros, que procuram definir para cada um a maneira de se conduzir”. Esse movimento específico de insubmissão presente no relato coloca o sujeito diante da forma como se relata a experiência-limite e se alcança a liberdade agonística. Nesse relato, a condição para que se alcance a liberdade agonística é por meio do movimento de contraconduta. Os cortes feitos na edição do vídeo publicado no canal não deixam claro que houve um processo de orientação médica. O único trecho que o sujeito menciona sobre a conduta do médico que o acompanha é dado como: “Eu comecei a me apegar mais ao meu médico, tinha uma psicóloga, pra eu digerir” (Viver com o hiv..., 2021). O relato evidencia o acompanhamento tanto do médico quanto da psicóloga, mas sem detalhamentos ou pormenores. O relato apresenta a opinião médica: “Desiste desse sonho, você não tem que ser mãe. Você tem HIV, você não tem que ser mãe”. Então, assim... é um absurdo um médico passar uma informação dessa” (Viver com HIV..., 2021).

O que se evidencia é uma contradição entre a conduta do sujeito que relata e a do médico. A edição feita de maneira estratégica apresenta três fatos desse relato: 1) havia um saber médico que indicava que o sujeito do relato não poderia ter filhos nem gerar um filho; 2) houve um acompanhamento médico pelo qual este sujeito foi amparado, mas não ficou claro como esses cuidados foram realizados, sugerindo que a liberdade agonística foi alcançada colocando-se em risco, em um movimento de contraconduta; 3) a edição do enunciado no canal *Histórias de ter.a.pia* aponta para uma arbitrariedade do sujeito.

O percurso aqui realizado demonstrou o modo como o canal *História de ter.a.pia* opera como uma rede de apoio de forma direcionada. Os enunciados emergem nesse espaço para manifestar um saber-poder e fazem parte de uma rede discursiva na qual a experiência-limite é formulada como um exercício da verdade, porém, no caso específico do enunciado sobre o HIV, o alcance da liberdade agonística se dá por uma contraconduta.

## Considerações finais

O recorte proposto neste artigo apresenta resultados finais do desenvolvimento da pesquisa de mestrado que é mais ampla e que percorreu a análise de outros enunciados do canal *Histórias de ter.a.pia*. Este canal apresenta uma normalização para que esse corpo produza efeitos de saber, a partir das relações de poder nas quais, para relatar a si mesmo, esse sujeito precisa se adequar às condições de enunciabilidade, quais sejam as normas do canal que lhe são impostas para relatar sua experiência-limite.

Isso implica dizer que o sujeito precisa ter vivenciado um acontecimento factual que o levou para uma experiência-limite. No enunciado dessa análise o acontecimento factual foi a partir da contaminação pelo vírus HIV que levou o sujeito a viver uma experiência-limite: que leva o sujeito para uma mudança no modo de constituir a si mesmo e, nessa mudança, o insere na ética de si. O sujeito do enunciado “Viver com HIV não me impediu de ter uma família” exerce uma prática de si que se orienta para um cuidado de si e dos outros. Tal evidência pode ser comprovada no próprio relato quando o sujeito diz: “eu preciso contar essa história, porque muita gente não sabe” (Viver com HIV, 2021, 6min41s). Esse sujeito apresenta um ativismo, ou seja, uma luta por uma causa que o faz relatar algo que antes era de domínio privado e agora é público. Isso também o faz ser um sujeito da diversidade que devido à sua própria condição, tende a buscar novos modos de se constituir a partir da sua existência. Trata-se de um processo agonístico, em que a liberdade se faz presente de maneira permanente por aquilo que o sujeito acredita (Dotto, 2018).

Os enunciados do canal *Histórias de ter.a.pia* são marcados por uma sequência de experiências-limite que evidenciam o processo agonístico do sujeito, no qual se fundem o exercício da liberdade agonística e a vivência dessa experiência. Nesse

contexto, “a liberdade do cuidado de si somente pode ser experimentada como tal se é uma experiência ético-moral do sujeito em sua própria verdade, uma experiência sempre singular e intransferível” (Souza Filho, 2008, p. 21). Soma-se a essa definição a ideia de que a experiência-limite é algo único do sujeito que se coloca em questão (Blanchot, 2007). Nessa direção, os enunciados do canal *Histórias de ter.a.pia* exprimem a austeridade do sujeito que passa por um processo de transformação (experiência-limite) e protagonizam as condições para uma liberdade agonística, ou seja, uma busca incessante por aquilo em que se acredita no limite de sua (im)possibilidade.

Nessa teia de relações, os enunciados revelam como o sujeito se constitui no discurso que o atravessa. O sujeito, ao governar a si mesmo, assume o poder sobre um corpo que convive com o HIV e passa a produzir relações de saber-poder. Para além dessa causa, tal sujeito passa por uma seleção no canal. O sujeito que deseja relatar no canal, preenche um formulário no *site* do *ter.a.pia*. Ou seja, são pessoas específicas as escolhidas para falar de si no *ter.a.pia*, em que há uma seleção desse sujeito e desse corpo que pode produzir esse efeito de poder no discurso do canal, sendo um corpo que: “pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 1987, p. 118). Nessa mesma trama discursiva, conhecer e apropriar-se desse corpo que convive com o HIV faz com que o sujeito, ao relatar a si mesmo, se insira em um processo agonístico, a partir da experiência-limite.

Nota-se, ainda, que o processo de relatar a si mesmo, a partir da experiência-limite, exerce um movimento agonístico do sujeito, ou seja, algo que rompe e tensiona para que haja um reconhecimento dos sujeitos da diversidade, presentes no canal *Histórias de ter.a.pia*. Tal colocação é justificada, com base em Campos (2021a, p. 76), da seguinte forma:

a prática de relatar a si mesmo sinaliza um agonismo tático, isto é, constitui uma tática de produção de si no discurso, a partir de um uso inventivo da linguagem seja para demarcar um deslocamento em relação ao poder biopolítico a que está alinhavado, seja para se deslocar nas sendas possíveis de um ato de resistir, ou melhor, de transgredir.

Tal compreensão desloca caminhos que colocam a liberdade agonística como uma das instâncias para o relato de si e a ética de si. Os relatos apresentados no

295

canal *Histórias de ter.a.pia* pertencem, assim, a um espaço público, o qual tem um suporte material, que é a plataforma do Youtube. O canal atua como instância material dessa prática discursiva, como uma forma de efetividade política, social e econômica para dar voz aos sujeitos da diversidade e, ao mesmo tempo, promover rentabilidade para donos do canal.

Diante das análises, compreendemos que o agonismo produzido na ordem da experiência-limite, tal como apresentado no *Histórias de ter.a.pia* é, portanto, espaço propício à compreensão das formas de gestão da vida e controle dos corpos na história do presente.

## Referências

BATAILLE, Georges. **Teoria da religião**. São Paulo: Ática, 1993.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 2** - A experiência limite. Tradução: João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.

CAMPOS, Jefferson Gustavo dos Santos. **A imagem em discurso digital: heterotopias dos regimes de ver e de dizer a arte no espaço virtual**. Curitiba: Casa, 2021. E-book.

DOTTO, Pedro Maurício Garcia. **Uso da liberdade e agonismo em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2018.

FIALHO, Joaquim. **Redes Sociais**. Como compreendê-las – uma introdução à Análise de Redes Sociais. Lisboa: Sílabo, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Introdução e revisão técnica Roberto Machado. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. Tradução: Eduardo Brandão. Revisão de tradução: Cláudia Berliner. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2023.

HISTÓRIAS DE TER.A.PIA (Canal do Youtube). Galeria de vídeos. **ter.a.pia**, 2023. Disponível em: <<https://www.Youtube.com/@historiasdeterapia/playlists>>. Acesso em: 26 out. 2023.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Introdução e revisão técnica Roberto Machado. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 7-34.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MILANEZ, Nilton. A noção foucaultiana de dessubjetivação: alicerces, experiências e modos de agir do sujeito. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, v. 6, n. 3, p. 12-39, 2021. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/#/v/170142>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: Conceitos essenciais. Tradução: Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SOUZA FILHO, Alípio de. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO- A.; SOUZA FILHO, A. (org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, Editora, 2008. (Coleção Estudos Foucaultianos).

TASSO, Ismara. Discurso em imagem: verdade, fotografia-documentário e inventário do real. **Ciência em Curso**, v. 2, n. 2, p. 113-124, jul./dez. 2013. Disponível em: <[https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/ciencia\\_curso/article/view/19038/](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/ciencia_curso/article/view/19038/)>. Acesso em: 7 nov. 2024.

TASSO, Ismara.; CAMPOS, Jefferson Gustavo Dos Santos. **Imagem e(m) Discurso**: A formação das modalidades enunciativas. Campinas: Pontes Editores, 2015. (Coleção Linguagem & Sociedade, v. 8).

VIVER COM HIV NÃO ME IMPEDIU DE TER UMA FAMÍLIA. **Histórias de ter.a.pia**, n. 130, 15 abr. 2021. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=5SDzBHjKNNg>>. Acesso em: 10 out 2023.

WILLIAMPALOARO8031. Eu também estou cansado (...). (Comentário em vídeo do Youtube). *In*: VIVER COM HIV NÃO ME IMPEDIU DE TER UMA FAMÍLIA. **Histórias de ter.a.pia**, n. 130, 15 abr. 2021. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <<https://www.Youtube.com/watch?v=5SDzBHjKNNg>>. Acesso em: 10 out 2023.

## Notas

\* Doutoranda em Letras, Universidade Estadual de Maringá, <https://orcid.org/0009-0004-9795-8705>, patriciasecretary@gmail.com.

\*\* Doutora em Letras, Professora Associada Aposentada do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá, ievstasso@gmail.com.



\*\* Doutor em Letras, Professor Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, <https://orcid.org/0000-0002-9525-4104>, jefferson.santos@unir.br.